



Políticas Democráticas e Popularização dos Conteúdos: Resignificações do Discurso sobre Novas Tecnologias¹

Prof^a Dr^a Ada Cristina Machado da Silveira² e Msand^a Joseline Pippi³

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - RS

Resumo

O presente artigo propõe-se a esclarecer os mecanismos de resignificação operados pela popularização dos conteúdos sobre novas tecnologias na mídia impressa. Considerando a Revolução Verde como o elemento propulsor de um intenso processo de disseminação de pacotes tecnológicos de extensão do domínio capitalista, observou-se a necessidade de adequação de conteúdos especializados veiculados na mídia com o intuito de difundir informações sobre as novas tecnologias. Nesse contexto surgiu a popularização dos conteúdos de origem científico-técnica como método de simplificação de informações especializadas.

Palavras-chave

Políticas Democráticas; Popularização; Novas Tecnologias; Jornalismo; Discurso.

Introdução:

O Difusionismo foi uma eficiente metodologia de difusão de inovações nos países periféricos a partir da segunda metade do século XX. A técnica importada dos Estados Unidos pelas instituições extensionistas estatais provocou uma invasão de novas tecnologias nem sempre adequadas ao cenário sócio-econômico dos campos brasileiros. A dependência travestia-se, então, do caráter científico-tecnológico, modelo amparado na revitalização do termo *imperialismo cultural*, legitimada pelo apreço do senso comum às idéias importadas dos países centrais.

Ao mesmo tempo em que o extensionismo rural difundia as inovações no campo, surge na mídia o apreço pela difusão das crescentes descobertas científico-tecnológicas advindas do exterior, exigindo um tratamento adequado das informações dessa área. As idéias e inovações trazidas do exterior espelhavam a tecnicidade oriunda de sua origem acadêmica, necessitando de um tratamento adequado por parte dos *tradutores* desse conhecimento. Começa-se a pensar numa metodologia de construção

¹ Trabalho apresentado ao NP NP 10 – Políticas e Estratégias de Comunicação do V encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Graduada em Jornalismo pela Unisinos, Mestre em Extensão Rural - UFSM, Magister e Doutora em Jornalismo pela *Universitat Autònoma de Barcelona*. Professora dos cursos de Comunicação Social e do Mestrado em Extensão Rural na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: adamach@ccsh.ufsm.br.

³ Graduada em Jornalismo e Mestranda em Extensão Rural pela UFSM. E-mail: joselinepippi@yahoo.com.br.



do discurso jornalístico envolvendo conteúdos sobre ciência. A partir de então, o jornalismo torna-se também uma metodologia de arranjo e reestruturação das informações de caráter científico-tecnológico, construindo um discurso voltado para o esclarecimento sobre as inovações.

O caráter de *qualidade inquestionável* das idéias importadas, colocado em prática pelo senso comum legitima a adoção de inovações sem qualquer tipo de dúvida ou questionamento por parte dos adotantes. O processo degenerativo das estruturas sociais e culturais resultantes desse posicionamento nos leva a questionar como é construído o discurso sobre as novas tecnologias na mídia impressa na atualidade. Além disso, questionamos o papel difusor dessas informações sob a ótica da democracia envolvida no processo de popularização dos conteúdos científico-tecnológicos operados pelo jornalismo especializado.

Difusionismo-Inovador e difusão de informações:

Na década de 1950, os Estados Unidos começaram a exportar para os países periféricos um pacote tecnológico para a agricultura, constituído por Variedades de Alto Rendimento (VAR) - sementes modificadas através de técnicas de hibridização, pesticidas químicos e insumos em sua maioria derivados do petróleo, além de máquinas e equipamentos. Esse processo de difusão de inovações ficou conhecido como Revolução Verde e pretendia elevar os níveis de produção e de produtividade no campo e aumentar a renda da população rural. Soando como a grande promessa desenvolvimentista de melhoria no campo, o tripé produtivo foi inserido nos campos dos países periféricos através de um processo altamente invasivo, o Difusionismo.

O Difusionismo originou-se a partir do processo de difusão de inovações colocado em prática pelos extensionistas rurais nos Estados Unidos a partir do modelo difusionista-inovador, cuja prática voltava-se para a educação da população rural. Esse modelo foi, então, exportado para a grande maioria dos países periféricos com o objetivo de ensinar aos camponeses como utilizar as novas tecnologias que integravam o pacote tecnológico exportado. Nesse contexto, a difusão foi colocada em prática como o *processo* através do qual as inovações espalham-se por entre os integrantes de um sistema social. Assim, temos como elementos da difusão de inovações a *inovação* propriamente dita (idéia, prática ou objeto percebido como novo por um indivíduo) que



é comunicada através de um determinado canal no decorrer do tempo entre os membros de um sistema social (Rogers e Shoemaker, 1971)⁴.

Como elemento-chave da difusão, ressaltamos o papel crucial desempenhado pela comunicação, visto ser ela a viabilizadora do processo. Há, portanto, a necessidade intrínseca da existência de um canal de comunicação e uma mensagem adequados para atingir e sensibilizar os indivíduos em relação às novas tecnologias. Rogers e Shoemaker (*ibid*) percebem a comunicação como um processo que envolve uma fonte e um receptor, entre os quais insere-se a mensagem a ser transmitida e o canal por onde ela transita: uma fonte (F) manda uma mensagem (M) através de determinado canal (C) para um receptor (R). Logo, é através da comunicação como processo (enquanto desencadeadora do contato entre os membros de um sistema social e a inovação) que o Difusionismo torna-se a maneira mais eficiente de difundir as novas tecnologias no meio rural. A difusão, a partir da interação fonte-receptor desencadeada pela comunicação, pode ser definida como o processo pelo qual uma inovação se propaga.

A essência do processo de difusão é a interação humana na qual uma pessoa comunica uma nova idéia a outra pessoa. Em seu nível mais elementar de conceituação, a difusão consiste em (1) uma nova idéia I, (2) do indivíduo A, que conhece a inovação, e (3) do indivíduo B que ainda nada sabe sobre a inovação” (Idem, p. 26).

Dessa forma, o indivíduo A conhece a inovação e agencia uma relação de comunicação com o indivíduo B com o objetivo difundir a nova idéia. Para o Difusionismo, portanto, a comunicação é a ação através da qual os indivíduos interagem no processo de difusão de novas idéias. A partir desse contexto, a mensagem transmitida por A torna-se um agente doutrinador de B em relação aos benefícios da inovação difundida.

Ao pensarmos numa aproximação entre a teoria difusora de inovações colocada em prática pelos extensionistas brasileiros e o conceito de difusão de informações inerente aos veículos de comunicação da atualidade, percebemos que ambas têm em comum, principalmente, o fato de que se voltam para *informar alguém sobre algo*. Se nos atermos apenas à mensagem intermediadora de A e B, perceberemos que a sua construção discursiva tem importância central na difusão tanto de informações quanto de inovações.

⁴ ROGERS, Everett M.; SHOEMAKER, F. Floyd. *Communication of innovations*. 2.ed. New York: Free Press, 1971.



Entendemos por difusão todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação de informações através de veículos de comunicação coletivos. Assim, torna-se pertinente questionar o teor das informações envolvendo novas tecnologias que veiculam pelos media brasileiros, principalmente quando essas tecnologias são trazidas do exterior.

A história nos mostra que culturalmente, a ordem geral brasileira tende a adotar inovações ou novas idéias trazidas por especialistas, pessoas com mais ‘estudo’, capazes de mostrar os prós e contras das novidades e de saber o que é melhor para determinado grupo. Na atualidade o papel de difundir as descobertas científicas e tecnológicas tem sido desempenhado pela mídia, principalmente pelos veículos de comunicação informativos.

Os veículos de comunicação fazem parte do cotidiano da população e são responsáveis por levar a um grande contingente populacional informações tanto de cunho geral como especializadas. O agenciador discursivo e formulador dessa mensagem difundida amplamente é o jornalismo e carrega consigo o estigma de fazer-se entender pela grande audiência. Nesse fato reside o seu potencial enquanto metodologia de resignificação de informações de caráter especializado, objetivando a popularização do conhecimento e, finalmente, a democratização dos espaços de debates públicos acerca das implicações resultantes da aplicação de novas tecnologias no sistema social.

Essa herança difusora é reproduzida hoje pelos periódicos diários. A reformulação de mensagens envolvendo ciência e tecnologia tem por objetivo informar o público sobre as novas descobertas, ao mesmo tempo em que demonstra um caráter altamente pedagógico e lúdico, a fim de ser inteligível para a grande audiência na qual a informação é difundida.

Como herança das práticas difusionistas temos na atualidade o apreço e a curiosidade das audiências acerca das descobertas científico-tecnológicas e das aplicações de seus produtos. Isso exige do profissional da informação (jornalista) um cuidado extremo ao formular o discurso expresso nos veículos de comunicação. Quando trata de assuntos envolvendo novas tecnologias e suas aplicações, é justamente a construção discursiva operada pelo jornalista que irá determinar o caráter *difusor* e não *difusionista* de sua mensagem.

A Prática e o Discurso Jornalísticos:

Ao cogitarmos a presença dos *media* informativos neste contexto, devemos ter em mente que o jornalismo se constitui como “atividade profissional que tem por objeto a apuração, o processamento e a transmissão de informações da atualidade, para o grande público ou para determinados segmentos desse público, através de veículos de difusão coletiva” (Barbosa e Rabaça, 1978)⁵. Sendo assim, o jornalismo configura-se como um conjunto de regras que visam a cumprir certas exigências para a construção de um discurso inteligível para o leitor⁶. A informação noticiosa, nesse contexto, constitui-se como a base da matéria jornalística. De acordo com Mouillaud⁷:

a informação é o que é possível e o que é legítimo mostrar, mas também o que devemos saber, o que está marcado para ser percebido (...). Toda informação, como um asterisco em um guia, supõe a flecha de uma dêixis pela qual se autodesigna. Faz um anel com si própria (p. 38).

Informação jornalística, portanto, é tudo aquilo que deve chegar ao conhecimento público e que pode ser percebido como real, ou seja, são fatos sociais de maior relevância para a sociedade num dado momento. De acordo com essa ótica o jornalismo mostra-se como um artífice da apuração e difusão do que acontece na sociedade, tornando-se o jornal um *dispositivo*⁸ que reflete as nuances e mudanças sociais de uma determinada época.

Contudo, as informações não são retratadas realmente como aconteceram, elas sofrem uma adaptação lingüística e discursiva, a fim de serem reportadas de forma jornalística. Ao escrever sobre o fato, o repórter obriga-se a selecionar dados mais relevantes e conectá-los de forma a ter um fio condutor de sentido. Geralmente as informações selecionadas são as mais relevantes para a compreensão total do fato. Assim, produzir uma informação supõe a transformação de dados que estão difusos e dispersos num todo homogêneo e coerente, o que, de certa forma, relega à mídia (entidade suporte dos diferentes dispositivos jornalísticos) a construção de um retrato do social voltado para a informação da própria sociedade.

A matéria jornalística – seja ela uma simples nota, uma notícia ou uma reportagem - é o produto da aplicação de uma metodologia específica empregada

⁵ BARBOSA, G. e RABAÇA, C. A. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

⁶ Tomamos por base, no presente artigo, a construção discursiva inerente ao jornalismo impresso.

⁷ MOUILLAUD, Maurice. A informação ou parte da sombra. In PORTO, Sérgio D. (Org.). *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

pelo repórter com o objetivo de construir um discurso claro, conciso e inteligível. Durante todas as fases da prática jornalística (apuração, redação e edição) até a difusão da matéria (discurso originado da *performance* do repórter) no veículo, o repórter participa como agente na resignificação dos conteúdos. Assim, o fazer jornalístico dá origem a um discurso específico voltado para a difusão de informações sociais de relevância para o público.

O discurso jornalístico pretende ser a transcrição do social para o público em geral, sendo através do repórter que a informação é difundida pelo sistema social. Dessa forma, constitui-se como o mediador entre o acontecimento e sua audiência. É através da ótica do repórter que os leitores saberão do fato, do acontecido, tendo este um compromisso duplo em relação ao seu discurso: apurar os fatos com responsabilidade (ética) e transmitir apenas a realidade verossímil sobre os fatos. De acordo com Nilson Lage⁹:

(...) ao apropriar-se da *função referencial*¹⁰ da linguagem, o jornalismo cria uma forma de suporte da realidade baseada em si mesmo, ou seja, o modo jornalístico de narrar serve de suporte para informações reais e legitima-se como divulgador da realidade (p. 05).

Portanto, é necessário que o jornalismo ultrapasse a barreira da língua e se constitua como uma fórmula discursiva universal acerca dos acontecimentos que tiveram lugar no tempo e no espaço, que construíram a realidade.

Em se tratando de matérias jornalísticas cuja finalidade é difundir informações sobre novas tecnologias, a meticulosidade da prática jornalística no tratamento das informações deve ser maior, visto que os fatos pertencem a um contexto específico (ciência e tecnologia) e necessitam passar por um processo de reformulação discursiva antes de serem veiculados. No jornalismo impresso diário os conteúdos envolvendo ciência e tecnologia devem receber cuidado especial porque representam uma área de conhecimento especializado de difícil compreensão para o público em geral. A construção discursiva envolvendo o tema deve, a princípio, esclarecer a informação especializada de forma simples, coerente e, acima de tudo, com precisão. Dessa forma,

⁸ Mouillaud conceitua *dispositivos* como lugares materiais ou imateriais nos quais se inscrevem os textos. Os dispositivos têm uma forma que é sua especificidade, ou seja, um modo de estruturação no tempo e no espaço.

⁹ LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.

¹⁰ Primamos pela definição de referencialidade como apresentada por Roman Jakobson (1963) enquanto uma função da linguagem centrada no contexto, visando a representação do mundo.



o jornalismo detém em si mesmo a tarefa de reformular o discurso científico-tecnológico para o público.

O jornalismo científico insere-se nesse contexto a partir do momento em que agencia as relações discursivas entre o universo especializado da ciência e tecnologia e o público. O jornalismo científico enquanto agente de uma correlação discursiva, usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade, aproximando a ciência do grande público. De acordo com José Marques de Melo, o jornalismo científico pode ser caracterizado como

Um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/empresas) e coletividade (públicos/receptores) através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão) que asseguram a transmissão de informações (atuais) de natureza científica e tecnológica (...) (*apud* Bueno, 1988, p. 24).

O jornalismo científico, enquanto prática jornalística envolvida com o tema *ciência e tecnologia* utiliza-se das mesmas características do fazer-jornalístico. Apuração, redação e edição de notícias e reportagens são idênticas porque o jornalismo é um só, porém, dependendo da especificidade do tema envolvido, os passos para a produção de um produto jornalístico podem variar, necessitando de reformulações de ordem discursiva a fim de fazer-se entender com mais clareza possível.

Segundo Charaudeau (2000b *apud* Charaudeau e Maingueneau, 2004), o nível discursivo é o lugar onde instauram-se as diferentes formas de dizer, “seus modos de falar, os papéis languageiros que deve ter” (*idem*, p. 453), ou seja, a constituição da mensagem dentro do discurso é essencial para que haja compreensão por parte do sujeito interpretante¹¹. Dessa forma, o jornalismo científico reconstrói as informações tecnicistas através de mecanismos discursivos que tendem a simplificar a linguagem, contribuindo para a legibilidade da matéria jornalística.

Dessa forma, temos de acordo com Roman Jakobson (1969, p. 41)

Quer mensagens sejam trocadas ou a comunicação proceda de modo unilateral do remetente ao destinatário, é preciso que, de um modo ou de outro, uma forma de contigüidade exista entre os protagonistas do ato da fala para que a transmissão da mensagem seja assegurada. A separação do espaço, e muitas vezes no tempo, de dois indivíduos, o remetente e o destinatário, é franqueada

¹¹ Sujeito interpretante, de acordo com Charaudeau, é o parceiro do sujeito comunicante no ato de comunicação. Ambos estão inseridos na exterioridade discursiva, sendo o primeiro o leitor e o segundo o agente de construção do discurso.



graças a uma relação interna: deve haver certa equivalência entre os símbolos utilizados pelo remetente e os que o destinatário conhece e interpreta. Sem tal equivalência, a mensagem se torna infrutífera – mesmo quando atinge o receptor, não o afeta.

Se nos referirmos à mensagem (impressa) como um discurso, perceberemos que há a necessidade inerente da existência de uma correlação de códigos entre os comunicantes, ou seja, o destinatário (sujeito comunicante) deve formular a mensagem de modo que esta seja inteligível para o receptor (sujeito interpretante). Assim, surge a Reformulação¹² e a Transmutação discursivas.

Como reformulação entende-se a interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. Dessa forma, temos as resignificações dos termos técnicos, a explanação dos jargões científicos e a aproximação da descoberta científico-técnica do cotidiano dos leitores. A explanação que deve envolver conceitos científicos deve pertencer ao nível de conhecimento do público-alvo a fim de ser compreendida; e é justamente nessa explicação de termos que notamos se a apuração (pesquisa) realizada pelo repórter foi bem sucedida, pois será a riqueza de comparação e relação entre termos que os jargão científico tende a ser explicado de forma inteligível. O jornalismo científico propõe-se justamente a agenciar este processo de resignificação das informações sobre novas tecnologias para o público em geral.

A transmutação segue o mesmo princípio, tendo, entretanto, uma peculiaridade: propõe-se a interpretar os signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais, ou seja, transforma signos alfanuméricos (letras e números) em signos iconovisuais (ilustrações, fotografias, gráficos, etc). Um bom exemplo de transmutação muito utilizada atualmente pelo jornalismo impresso são as infografias¹³, onde há a combinação dos diferentes sistemas de significação com o objetivo de fazer sentido para o leitor. O jornalismo científico utiliza-se muito desse recurso, visto que o apelo visual desperta a atenção e o interesse, sendo de fácil compreensão.

De acordo com Lage “o texto – e o tratamento de imagens – jornalístico pretende ter leitura agradável e transmitir seu conteúdo com o mínimo de esforço de compreensão” (*Op. Cit*, p. 124), ou seja, deve reformular os termos técnicos inerentes ao assunto sobre novas tecnologias ou ciência, como argumenta ainda o autor:

¹² Jakobson referia-se ao termo como *rewording*, sendo traduzido para a língua portuguesa como reformulação..

¹³ Informação gráfica que resulta da combinação de imagem e texto. Do inglês *informational graphics* (MORAES, Ary. A revolução da infografia. In: AMORIN, Paulo H. et. al. *Lições de jornalismo I*. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1998).

Em nenhum outro campo a comparação é mais relevante do que na informação científica. aqui, quando lidamos com unidades desconhecidas do público (mícron, ano-luz), grandezas fora da dimensão humana corrente (milhões de toneladas, milionésimos de segundo), configurações inexistentes no mundo aparente (cristalização de partículas, buracos negros) ou leis que não admitem exemplos, ou o pressuposto da existência (a lei de Newton, segundo a qual um corpo não sujeito a qualquer força manterá seu estado de inércia ou movimento), a comparação é o único meio de apreensão parcial de uma realidade que se deseja transmitir (*seq.*).

Ou seja, além de traduzir o jargão científico, o repórter que utiliza o jornalismo científico como ferramenta na difusão de informações relacionadas à ciência e às novas tecnologias, relaciona termos e significados com o intuito de fazer sentido para os leitores. A clareza e a inteligibilidade, nesse caso, dependem das relações entre termos técnicos e a reformulação e transmutação dos mesmos, almejando a criação de um discurso atraente, leve e interessante para o leitor.

Democratização via Popularização dos conteúdos

A prática do jornalismo científico propõe-se, segundo Calvo Hernando (*apud* Bueno, *op.Cit* p. 29), a cumprir uma série de objetivos: i) criação de uma consciência nacional e continental de apoio e estímulo à investigação científica e tecnológica; ii) divulgação de novos conhecimentos e técnicas, possibilitando o seu desfrute pela população; iii) preocupação com o sistema educacional que fornece recursos humanos qualificados para desempenhar a tarefa de investigação; iv) estabelecimento de uma infra-estrutura de comunicação e consideração das novas tecnologias e conhecimentos como bens culturais, medidas que objetivam democratizar o acesso a posse da ciência e da tecnologia, e, v) incremento da comunicação entre investigadores.

Percebemos que os objetivos sociais do jornalismo científico podem ser resumidos como a sua instituição enquanto prática jornalística que visa a mediar o universo científico e os diferentes públicos. Esse objetivo passa necessariamente pela adaptação da linguagem científica à jornalística, visto que a grande maioria da audiência não agrega conhecimento sobre as especificidades lingüísticas inerentes ao campo científico. Como a tarefa do jornalista é transmitir informações de interesse público para a população, “o fundamental num texto de informação jornalística científica é fazer compreender e aproximar o universo da ciência do universo em que vive e pensa o consumidor da informação” (Lage, 2000, p. 125). Para tanto, o jornalista recorre a



associações, relacionamentos e descobertas de conexões entre conceitos científicos e o cotidiano dos receptores da informação. Como exemplifica Oliveira:

O uso e abuso da metalinguagem são excelente recurso para aproximar o público leigo das informações científicas. Quando as pessoas conseguem associar um princípio ou uma teoria científica a alguma coisa que lhe é familiar, fica mais fácil a compreensão do assunto, e a comunicação científica torna-se eficaz. Associar, por exemplo, a segunda lei da termodinâmica ao fato de que um corpo mais frio não pode transmitir calor para outro mais quente torna muito mais simples de entender e é tão correto quanto dizer, no jargão científico, que ‘o fluxo de energia é no sentido do aumento da entropia do sistema’ (2002, p. 44).

A utilização de uma linguagem acessível torna-se, nessa perspectiva, o principal meio de aproximar a ciência do grande público e facilitar a compreensão dos fatos, demonstrando os benefícios e prejuízos que o desenvolvimento científico e tecnológico pode trazer à vida cotidiana.

Com o objetivo de inserir o conhecimento sobre ciência e novas tecnologias no círculo de convivência do grande público, o jornalismo científico, a partir da resignificação discursiva, origina um discurso simples e claro, essencialmente pedagógico. Discurso que almeja popularizar os saberes especializados envolvidos no tema proposto. Tem origem, então, a popularização de conteúdos sobre novas tecnologias, cuja prática almeja a democratização dos saberes especializados via veículos midiáticos de difusão de informações.

O jornalismo científico insere-se na popularização de conhecimentos especializados como uma ferramenta de construção discursiva que faz uso da metodologia de apuração e redação próprias do jornalismo, propondo, entretanto, constantes resignificações discursivas para termos inerentes a outros discursos, dando origem a um interdiscurso próprio. Essa junção de práticas auxilia na democratização do conhecimento porque mantém os cidadãos informados acerca do que está sendo produzido pela ciência e sobre as novas tecnologias trazidas do exterior, conscientizando a população a participar das decisões sobre a distribuição dos recursos que estabelecem as prioridades na produção do saber.

Bueno (*op. Cit.*, p. 28) ressalta que o “jornalismo científico deve se preocupar em contextualizar para a população entender como a pesquisa irá beneficiá-la direta ou indiretamente”. A contextualização passa, sem dúvida, pelo esclarecimento sobre as aplicações das novas tecnologias e seus benefícios e possíveis malefícios que advém de seu uso ou prática.



O jornalismo científico age na decodificação do fato social a fim de construir um discurso de popularização de saberes especializados para conscientizar a população acerca das aplicações das descobertas científicas e das novas tecnologias. A difusão dos saberes através de sua prática conduz, a seu tempo, a um aumento gradativo do conhecimento da população e à sua conscientização sobre a importância da tomada de decisões coletivas relacionadas políticas públicas envolvendo a difusão de novas tecnologias.

O jornalismo científico é uma ferramenta jornalística que especifica como deve ser o tratamento de fatos referentes à ciência, buscando fazer sentido para o grande público. Sendo assim, ele determina a melhor forma de apurar assuntos (notícias) e redigir reportagens inteligíveis sobre ciência. Com todo seu caráter de inteligibilidade, o jornalismo científico cumpre com seis funções básicas (Calvo Hernando, *op. Cit*): informativa, educativa, social, cultural, econômica e político-social. Em linhas gerais, ao *informar*, complementa e atualiza conhecimentos e, neste sentido, *educa*; ao transmitir conhecimento, atua sobre a *sociedade* e a *cultura*, determinando escolhas *econômicas* e, no fim, opções *político-ideológicas*.

Conclusão

O difusionismo criou, portanto, as bases metodológicas que tornaram possíveis as ações extensionistas que visavam a inserção de novas tecnologias nos países periféricos. Tecnologias estas que legitimaram o intervencionismo internacional e também a dependência em relação ao capital externo. Isso mostrou que a melhor forma de conscientizar sobre as novas tecnologias e suas aplicações no cotidiano é através da educação, da divulgação de saberes e da instauração de fóruns públicos de debate que esclareçam todas as nuances científico-tecnológicas, político-econômicas, sociais e ambientais.

É justamente neste cenário conturbado que a mídia impressa institui-se como o principal dispositivo difusor de informações sobre as novas tecnologias, tendo o dever de caracterizar as novas tecnologias da melhor forma possível, com engajamento ético e social, promovendo uma visão não segmentada, mas contextualizada dos prós e contras envolvendo a aquisição de novas tecnologias em determinado sistema social.

Percebemos, por conseguinte, que o jornalismo científico, dentro de seu comprometimento social, agencia a democratização dos saberes na sociedade, pois além de informar o fato, aponta suas possíveis conseqüências, colocando a informação



específica dentro de um contexto maior. “O jornalismo científico pode contribuir para a mobilização da sociedade em prol da valorização da ciência e tecnologia locais e, sobretudo, para a luta contra a difusão indiscriminada de conhecimentos, processos e técnicas importados” (Bueno, *op. cit.*, p. 39). Ao transmitir, dessa forma, de maneira simples novas idéias, conceitos e técnicas aos quais o grande público dificilmente teria acesso, o jornalismo científico se transformou em instrumento fundamental para a existência de uma sociedade mais democrática. Nos dizeres de Vieira, “quando as pessoas adquirem algum conhecimento científico, podem compreender melhor as decisões, o que é fundamental numa sociedade democrática. Caso contrário, poderão tornar-se vítimas de demagogos e especialistas” (*apud* Gomes, 2001, p. 97).

É coerente afirmarmos, portanto, que o conhecimento científico divulgado de forma jornalística pela mídia é uma forma simples e eficaz de conscientizar a sociedade de seu papel decisivo nas decisões de caráter social. Esse papel é amplamente provido pelo jornalismo científico enquanto método da popularização de conteúdos sobre ciência e tecnologia, realizando a *difusão* científico-tecnológica sem, no entanto, utilizar-se de métodos *difusionistas*.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, G. e RABAÇA, C. A. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.
- BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos*. São Paulo: Comunicação Jornalística Editorial, 1988.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- GOMES, Isaltina M. Revistas de divulgação científica: um panorama brasileiro. *In: Ciência e Ambiente*. Santa Maria: UFSM, N. 23 jul/dez, 2001, (95 – 107).
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MOUILLAUD, Maurice. A informação ou parte da sombra. *In* PORTO, Sérgio D. (Org.). *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2002.
- ROGERS, Everett M.; SHOEMAKER, F. Floyd. *Communication of innovations*. 2.ed. New York: Free Press, 1971.